

**A RELIGIOSIDADE À LUZ DA ANÁLISE EXISTENCIAL FRANKLIANA EM  
RELAÇÃO À OBRA *CRISTIANISMO PURO E SIMPLES* DE C.S LEWIS  
VIKTOR FRANKL'S EXISTENTIAL ANALYSIS CONCEPT OF RELIGIOSITY IN  
C.S. LEWIS' *MERE CHRISTIANITY***

**Fernanda Machado<sup>1</sup>**

**Marilucy N Wandermuren Marucci<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O artigo teve como objetivo abrir o diálogo entre profissionais da saúde mental e pessoas religiosas - especificamente, pessoas cristãs protestantes -, visando o aumento da busca destas por acompanhamento quando necessário, bem como a melhora no acolhimento dos profissionais em relação a este público. Para tanto, foi feita uma revisão bibliográfica dos conceitos da Ontologia Dimensional, Inconsciente Espiritual e Religiosidade Inconsciente trazidos por Viktor Frankl em sua teoria, e das ideias principais de C.S. Lewis a respeito da vida cristã trazidas em seu livro *Cristianismo puro e simples* a fim de correlacioná-los. Foi possível interpretar as afirmações de Lewis à luz dos conceitos de Frankl.

**Palavras-chave:** Viktor Frankl; Logoterapia; Religiosidade; Inconsciente Espiritual; C. S. Lewis

**ABSTRACT:** This article has the goal of starting a dialogue between mental health professionals and religious people – specifically Protestant Christians - in order to increase the chances of religious people to search for treatment, when necessary, as well as improving the ability of the professional to better understand this human phenomenon on their religious patients. To do so, a bibliographical study was carried out in order to correlate Viktor Frankl's concepts of Dimensional Ontology, Spiritual Unconscious and Unconscious Religiosity to C.S. Lewis' main ideas about Christianity brought by him on his book *Mere Christianity*. It was possible to interpret Lewis' affirmations through the lens of Frankl's concepts.

**Keywords:** Viktor Frankl; Logotherapy; Religiosity; Spiritual Unconscious; C.S. Lewis

---

<sup>1</sup> Bacharel em Psicologia (UPM). Especialista em Missiologia (Seminário Teológico Servo de Cristo). Especialista em Logoterapia e Análise Existencial com ênfase em Clínica (SOBRAL). E-mail: machadoferr@gmail.com

<sup>2</sup> Especialista em Psicologia Clínica (CRP). Especialista em Logoterapia e Análise Existencial com ênfase em Clínica e com ênfase em Educação (SOBRAL). Especialista em Saúde da Família (UNIFESP), Especialista em Gerontologia e Interdisciplinaridades (USC). E-mail: wandermuren@yahoo.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

“Também a religiosidade genuína se esconde de qualquer publicidade para manter sua autenticidade; ela se oculta para não se trair. E nossos pacientes temem “trair” sua experiência religiosa “íntima” num duplo sentido: tanto no sentido de “divulgá-la”, quanto no sentido de “cometer uma traição”. Temem cometer uma traição ao deixar que essa sua experiência íntima caia nas mãos de alguém que talvez não a compreenda, que não a entenda como sendo algo “próprio” da pessoa, e, ao contrário, poderia considerá-la como algo “impróprio”” (Frankl, 2021b, p.44).

Na prática clínica parece haver uma demanda específica de pessoas religiosas por psicoterapeutas que professem da mesma fé que a sua. Essa preferência pode ser observada não só no pedido de indicação de profissionais religiosos, mas também nos comentários em sessão de pacientes que afirmam estar aliviados por “saber que sua psicóloga compartilha de suas crenças”, mesmo sem tocar diretamente nestes assuntos durante os encontros.

O objetivo deste artigo, portanto, será correlacionar o conceito de religiosidade na Logoterapia e Análise Existencial Frankliana às ideias de C. S. Lewis sobre o tema e, assim, possibilitar o encontro entre pessoas religiosas, especificamente pessoas cristãs protestantes, e profissionais de diferentes abordagens da Psicologia que se interessem pela perspectiva da Logoterapia sobre o assunto<sup>3</sup>.

A escolha pelo trabalho de C. S. Lewis baseia-se na familiaridade do público cristão protestante com os livros do autor e na maior acessibilidade à sua linha de pensamento trazida não apenas nos seus trabalhos teológicos, mas também na literatura como em *As Crônicas de Nárnia* e outros contos escritos por ele que transmitem ideais cristãos.

Acredita-se que este encontro pode auxiliar a diminuir o temor de pessoas que procuram ajuda de não serem compreendidas por profissionais da saúde mental; podendo também somar às concepções de religiosidade de diferentes abordagens psicanalíticas, amplamente ensinadas e fortalecidas na academia atualmente. Acredita-se que o alcance de ambos os públicos nessa temática poderá contribuir grandemente para a busca de profissionais

---

<sup>3</sup> Frente à resolução nº 7/2023 do Conselho Federal de Psicologia, que proíbe psicólogos de associarem tratamento a religião, torna-se necessário reforçar que o intuito do artigo não é, em nenhuma instância, apresentar uma “psicoterapia cristã protestante”. As aproximações que serão apresentadas servem o propósito de compreender a religiosidade como um fenômeno propriamente humano, a fim de que pessoas religiosas sintam-se seguras para procurar por acompanhamento quando necessário e para que profissionais possam agir com ética e garantir o acolhimento e cuidado de todas as pessoas independente de credos.

da saúde mental por pacientes religiosos, bem como o melhor acolhimento e tratamento do público religioso em psicoterapia.

Foi realizada uma revisão bibliográfica a fim elucidar pontos importantes da teoria Frankliana, partindo dos princípios básicos da Análise Existencial proposta por Frankl, compreendendo a ontologia dimensional e, em seguida, os conceitos de Inconsciente Espiritual e Religiosidade trabalhados pelo autor. Para aproximar esta teoria do público religioso serão apresentadas algumas ideias do teólogo anglicano e escritor C.S. Lewis a respeito da prática religiosa, a fim de correlacionar estas ideias à teoria frankliana.

## **2 ANÁLISE EXISTENCIAL FRANKLIANA**

A Análise Existencial Frankliana está apoiada em três pilares, são eles: Liberdade da Vontade, Vontade de Sentido e o Sentido da vida.

Em primeiro lugar, Frankl afirma que o ser humano é livre e responsável. A liberdade é essencialmente “liberdade” frente a algo – sobretudo ao destino. Dessa forma, Frankl afirma que “à liberdade da vontade contrapõe-se o que há de fatal. Com efeito, chamamos de destino precisamente a tudo aquilo que escapa essencialmente à liberdade do homem e que não fica sob o seu poder nem sobre a sua responsabilidade” (Frankl, 1973, p.123). Isso, contudo, não dispensa a pessoa de sua responsabilidade de se posicionar frente ao seu destino. O autor complementa que

“o destino pertence ao homem como o chão a que o agarra a força da gravidade, sem a qual lhe seria impossível caminhar. Temos que comportar-nos em relação ao destino como em relação ao chão que pisamos: estando em pé; sabendo, entretanto, que esse chão é o trampolim donde nos cumpre saltar para a liberdade” (Frankl, 1973, p.120).

Segundo o autor, “a Liberdade da Vontade do ser humano é, portanto, a liberdade “de” ser impulsionado “para” ser responsável, para ter consciência” (Frankl, 2021b, p.48).

Frankl afirma também que só é possível ser responsável, quando a pessoa reconhece que não é meramente uma vítima de suas circunstâncias biológicas ou sociais e se direciona a algo para além de si ou a alguém. Frankl chama esse movimento para além de si de “autotranscendência”. Ele afirma que “o homem é capaz de se superar, de esquecer a si mesmo, de se perder de vista, de ignorar a si mesmo ao se entregar a alguma coisa ou a um

semelhante” (Frankl & Lapide, 2014, p.85). Dessa forma a pessoa busca e encontra sentido. Ele chama essa orientação humana ao sentido de Vontade de Sentido (Frankl, 2020).

Sobre esse pilar, o autor afirma:

“Existe, de qualquer modo, algo assim como um conhecimento prévio do sentido. Um pressentimento assim do sentido serve de base ao que na logoterapia designamos “vontade de sentido”. Quer ele o queira ou não, quer ele o admita ou não, o homem crê num sentido até seu derradeiro suspiro” (Frankl, 2015, p.88).

Em contraponto às teorias psicanalíticas, Frankl defende que o ser humano não é, portanto, “guiado por instintos, mas, sim, guiado pelo sentido, ele [o ser humano] não está em busca de prazer, mas de valores” (Frankl, 2016, p.4) - tradução livre.

Entramos, então, no terceiro pilar da Análise Existencial Frankliana: o Sentido da Vida. O autor afirma que além de denotar *sentido*, “*logos* significa a humanidade do ser humano e o sentido de ser humano!” (Frankl, 2021c, p.27). Para ele “o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento” (Frankl, 2021a, p.133).

O sentido pode ser buscado e encontrado através da realização de valores, sempre em direção a algo ou alguém além da pessoa. Desta forma, buscar sentido significa diminuir a distância que existe entre o que sou e o que devo ser. A busca pelo sentido único e irrepitível chama o ser humano à responsabilidade de realizar valores em situações que requerem respostas únicas em sua unicidade e irrepitibilidade como pessoa (Frankl & Lapide, 2014, p.140).

### **3 ANTROPOLOGIA FRANKLIANA**

#### **3.1 *Ontologia dimensional e tridimensionalidade do ser humano***

Partindo do que é propriamente humano, Frankl busca trazer uma visão ampliada que perceba o *logos* e veja a manifestação da essência do ser humano, a pessoa. Dessa forma, ele traz à luz uma ontologia dimensional do ser humano afirmando que este é um ser biopsiconoético. O autor aponta para a realidade de que o corpo biológico pode sofrer com a facticidade genética, física ou social, bem como a psiquê poderá sofrer influência dos

impulsos; porém é na dimensão noética<sup>4</sup>, segundo ele, que os eventos propriamente humanos, como a autotranscendência, liberdade da vontade e a vontade de sentido, estão contidos, possibilitando, assim, um posicionamento da pessoa diante da facticidade biológica, psicológica e social. O corpo, em suas dimensões biopsíquicas, é instrumento para a manifestação da expressão da dimensão noética (Frankl, 1973, 2021c).

A figura abaixo ilustra a unidade da pessoa em suas diferentes dimensões, sendo a mais exterior a dimensão biológica, logo em seguida a dimensão psíquica e, na sua essência, temos a dimensão noética que se projeta para o “logos”, o sentido, através das outras dimensões.

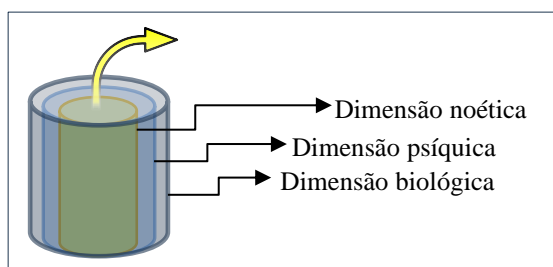


Figura 1 Dimensões da pessoa

Frankl (2019), ressalta que a separação clara dessas dimensões é apenas didática e deve-se ter sempre em mente que a dimensão noética é “puro movimento” e se trata de uma dimensão ontológica, constitutiva, da pessoa, ao passo que em suas dimensões biológica e psíquica a pessoa pode estar condicionada à facticidade. A dimensão noética é o que confere humanidade à pessoa, na dimensão noética a pessoa é um ser aberto e, portanto, incondicionada e é possibilitada pela liberdade da vontade à manifestação de sua responsabilidade, liberdade e autotranscendência. Graças à dimensão noética, a pessoa é capaz de transformar uma potência em ato transcendente, indo ao encontro do outro ou de uma tarefa (Frankl, 1973).

Em alguns de seus textos, Frankl também utiliza o termo “dimensão espiritual” para se referir à dimensão noética. É importante ressaltar que “espiritual” aqui não busca apontar para

---

<sup>4</sup> A dimensão noética, também citada como dimensão espiritual, foi definida por Frankl como a característica mais específica do ser humano, ela é a dimensão mais alta da pessoa e estabelece unidade e totalidade a ela. Nesta dimensão a pessoa é incondicionada e dela brota, dentre outros recursos, a liberdade para se opor aos condicionamentos biopsicossociais (Frankl, 2021b). Nesta dimensão o ser humano pode ser claramente distinguido dos outros seres vivos, também dotados das dimensões biológica e psíquica – a dimensão noética é “única e distintiva do ser humano” (Herrera, 2021, p.277).

a questão da teologia ou da religião, e sim para uma “conceituação antropológica”, como o próprio Frankl (2021c) esclarece em seu livro *A vontade de sentido*.

Frankl (2021c) aborda a ontologia dimensional apontando duas leis: a primeira lei afirma que a pessoa é uma unidade, mesmo que se projete de formas distintas. Isso quer dizer que a pessoa está sempre aberta para manifestar-se de forma múltipla sem perder sua essência única e irrepetível. A segunda lei traz o alerta de que o foco demasiado, ou exclusivo, nas projeções biológicas e psicológicas da pessoa faz com que se perca o que é essencial, a saber, a dimensão noética (Frankl, 2021c). Ele utiliza a imagem de figuras geométricas projetadas em planos distintos para ilustrar estas leis.

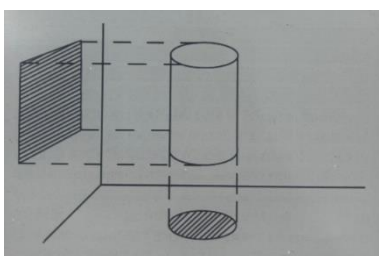


Figura 3 Representação da 1ª Lei da ontologia dimensional Frankliana (FRANKL, 2021c, p.32)

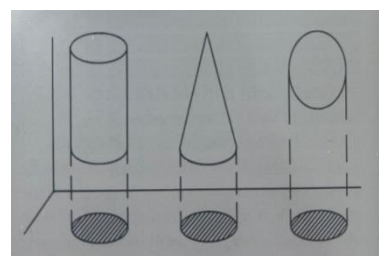


Figura 2 Representação da 2ª Lei da ontologia dimensional Frankliana (FRANKL, 2021c, p.33)

Sendo assim, pensar em uma ontologia dimensional não caracteriza a pessoa meramente como uma soma de dimensões distintas e independentes entre si. Trata-se de vê-la como ser em sua totalidade, em uma unidade que se manifesta de forma mútua em seus diferentes aspectos. Da mesma forma, na ontologia dimensional pode-se afirmar que “a unidade do ser humano – unidade essa, apesar da multiplicidade do corpo e da mente – não pode ser achada em suas faces psicológica, nem biológica, mas deve ser procurada em sua dimensão noológica, da qual o homem foi, de início, projetado” (Frankl, 2021c, p.34).

## 4 RELIGIOSIDADE

### 4.1 *Inconsciente Espiritual*

Tendo explanado em maior detalhe a ontologia dimensional proposta por Frankl, é possível trazer maior foco à dimensão noética e suas particularidades.

Frankl defende que não só as dimensões biológica e psíquica alcançam níveis inconscientes na pessoa, mas também a dimensão noética é, em certa extensão, inconsciente. O autor afirma que “desta forma, o conteúdo do inconsciente fica consideravelmente

ampliado, diferenciando-se em instintividade inconsciente e espiritualidade inconsciente” (Frankl, 2021b, p.19).

Luis Guillermo Pareja Herrera (2021) auxilia na compreensão da extensão do inconsciente espiritual. O autor afirma que, neste caso, o termo *inconsciente* indica o que é irreflexionado, pré-lógico e, portanto, irreflexionável. Deste nível, partem os recursos noéticos, tais como os citados anteriormente como base da teoria Frankliana: a Liberdade da Vontade, a Vontade de Sentido e a Busca pelo Sentido. Segundo Herrera, no inconsciente espiritual a pessoa é atraída pelo sentido e movimenta-se em busca deste, embora não de forma determinante, pois a pessoa ainda é livre para responder a esta atração ou não em seu nível consciente.

Elizabeth Lukas vai além, e explica que é do inconsciente espiritual que partem os critérios para tomadas de decisões de uma pessoa, especialmente as decisões de “importância existencial”. A autora afirma ainda que o inconsciente espiritual não pode ser explicado como um fator ligado à inteligência e também não está ligado às pulsões, antes

“seu significado aproximado é através dos conceitos de percepção, intuição, inspiração. Em última análise, é um pressentimento sobre algo que não pode ser compreendido, ou ainda não compreendido, que talvez, um dia, possa se revelar à pessoa, ou então, permanecer para sempre fora do alcance de nossa compreensão” (Lukas, 1990, p.115).

Frankl afirma, ainda, que a pessoa em sua dimensão mais profunda, noética, é sempre inconsciente. Segundo o autor

“isto significa que a “pessoa profunda” não é apenas facultativa, mas obrigatoriamente inconsciente. Isso decorre do fato de que a execução espiritual dos atos e, conseqüentemente, a entidade pessoal como centro espiritual de tais atos constituírem uma pura “realidade de execução”” (Frankl, 2021b, p.25).

Frankl define o inconsciente espiritual como o nível mais profundo do ser noético, no qual o modo de captação é intuitivo e do qual brota a religiosidade como recurso noético, além dos recursos citados e outros que fogem do escopo deste artigo. O autor explica que, a partir de uma decisão da pessoa, com o passar do tempo e agindo de acordo com essa decisão, o inconsciente espiritual se manifestará cada vez mais em ações espontâneas. O autor explica da

seguinte forma: “A pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos espirituais, que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência, ou seja, de maneira alguma poderia aparecer na reflexão” (Frankl, 2021b, p.26).

## 4.2 *Religiosidade*

Ao discorrer sobre o tema da religiosidade, Viktor Frankl deixa claro que a psicoterapia e a religiosidade têm objetivos distintos para a vida de uma pessoa. Ele afirma que “a psicoterapia é a cura da alma (*seelische Heilung*), ao passo que o alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma (*Seelenheil*)” (Frankl, 2021b, p.73), para além disso ele também afirma que “a existência religiosa e a irreligiosa são para a logoterapia fenômenos coexistentes, e ela tem a obrigação de assumir uma posição neutra perante eles” (Frankl, 2021b, p.73).

Não devemos supor, no entanto, que a religiosidade é um fenômeno irrelevante na teoria Frankliana, tampouco na prática da Logoterapia. Em sua teoria, Viktor Frankl elabora o conceito de Religiosidade Inconsciente, o qual define como “um estado inconsciente com capacidade decisória, um agente existencial” (Frankl, 1999, p.87) - tradução livre. Esta definição o afasta de abordagens contemporâneas à Logoterapia que viam na religiosidade muito mais um impulso do que algo inerente ao ser humano.

Dentre os teóricos da Psicologia talvez C.G. Jung seja a principal referência na temática da religiosidade. De fato, Jung descobriu importantes elementos religiosos no inconsciente e distinguiu estes elementos como impulsos ou instintos. Frankl explica que “de acordo com Jung, algo em mim é religioso, mas não sou eu quem sou religioso; algo em mim me leva a Deus, mas não sou eu quem escolhe e se responsabiliza” (Frankl, 1999, p.85) - tradução livre.

De acordo com Frankl (1999), a religiosidade não poderia ser produto de um inconsciente coletivo, pois ela envolve a decisão mais individual que uma pessoa toma, mesmo que a um nível pré-lógico. Segundo ele a

“religiosidade inconsciente de acordo com a análise fenomenológica, deve ser compreendida como uma relação latente com a transcendência inerente ao ser humano. Se preferir, pode-se afirmar que é uma relação entre o eu imanente e um Tu transcendente” (Frankl, 1999, p.82) - tradução livre.



Ele afirma, ainda, que a religiosidade genuína não é um impulso, mas uma decisão, “ou a religiosidade é existencial, ou não é nada” (Frankl, 1999, p.86) - tradução livre. Como potência, a religiosidade inconsciente pertence à dimensão noética e não à facticidade biopsíquica.

Pode-se concluir, portanto, que por pertencer à dimensão noética, a religiosidade em Frankl é constitutiva da pessoa e esta é livre para manifestar sua religiosidade ou não. Sobre essa escolha, o autor conclui que existe na pessoa uma tendência inconsciente em direção a Deus e cabe a cada uma a decisão de manifestar esta potencialidade ou não (Frankl, 2021b).

## **5 RELIGIOSIDADE EM C.S. LEWIS**

C.S. Lewis foi um dos grandes intelectuais do século XX e pode ser considerado como um dos mais influentes escritores cristãos até os dias de hoje. Ele nasceu em Belfast, Irlanda, em 1898, serviu como soldado na I Guerra Mundial e realizou seus estudos universitários em Letras e Literatura e, posteriormente, em Linguística e Teologia. Lewis se declarou ateu até meados dos anos 1930, quando redescobriu sua fé em Deus e se converteu ao cristianismo na Igreja Anglicana (McGrath, 2013).

Em seu livro *Cristianismo puro e simples* (2017), Lewis apresenta o raciocínio lógico e modo de operar da religiosidade e do comportamento religioso. Para isso, ele parte do conceito de Lei Moral; esta, segundo o autor seria um conjunto de comportamentos adequados inerentes à pessoa, como regras de comportamentos as quais a pessoa não pode deixar de respeitar, não como um instinto, mas como “algo que produz um tipo de tom (o tom que denominamos bondade ou conduta correta) que direciona os instintos” (Lewis, 2017, p.39). Contudo, por serem dotadas de livre arbítrio, nenhuma pessoa consegue, de fato, obedecer à Lei Moral em sua completude.

Na visão do autor, o Cristianismo como religiosidade acredita que quem está por trás da Lei Moral é Deus. Além de criar esta Lei, Deus também “inventou e criou o universo – como uma pessoa que tira uma foto ou compõe uma peça musical” (Lewis, 2017, p.69), Deus também reconhece que muitos aspectos da sua criação se desviaram, dado o livre arbítrio, e seu anseio é que os seres humanos ajudem a “colocar as coisas de volta no lugar”. O ser humano seria capaz de fazer isso em decorrência do exemplo e sacrifício de Jesus Cristo relatado nos Evangelhos. Ele afirma também que

“Deus designou a máquina humana para funcionar à base dele mesmo. Ele mesmo é o combustível que nossos espíritos foram designados para queimar, ou o alimento do qual nossos espíritos foram designados para se alimentar (...) Ele nos conferiu consciência, o sentido do certo e do errado, e por toda a história houve pessoas tentando (algumas muito intensamente) obedecer-lhe” (Lewis, 2017, p.83).

Lewis considera a obediência a Deus como o norteador e capacitador para que a pessoa mantenha relacionamentos com outras de forma a amá-las verdadeiramente em sua unicidade e dignidade. Ele afirma: “só poderei amar o meu próximo como a mim mesmo se aprender a amar a Deus; e só poderei amar a Deus se aprender a obedecer-lhe” (Lewis, 2017, p.126).

O autor afirma também que à medida em que se obedece a Deus, o interior da pessoa é transformado, desenvolvendo nela virtudes e características mais parecidas com as Dele e pautando, assim, suas decisões futuras de forma mais “impensada”, pré-lógica; age-se “naturalmente” como uma “criatura celeste” (Lewis, 2017).

Outra definição relevante para a presente discussão é o conceito que Lewis trás de Fé. Para o autor Fé “é a arte de aderir a coisas que a sua razão já aceitou, apesar de seus estados de espírito inconstantes” (Lewis, 2017, p.188). Para ele, portanto, a fé é uma virtude que nasce de uma escolha livre e consciente e deve tornar-se um hábito a ser desenvolvido; assim como a obediência a Deus, seguindo o exemplo de Cristo. Ele afirma: “O novo passo, o da transformação de criaturas para filhos [de Deus], é voluntário – pelo menos em certo sentido (...) ele é voluntário no sentido de que, se ele nos é oferecido, podemos recusá-lo. Podemos, se assim for do nosso agrado, recuar” (Lewis, 2017, p.279).

Lewis encerra seu livro dizendo: “Se você buscar a si mesmo, só o que vai encontrar, no fim das contas, é o ódio, a solidão, o desespero, a ira, a ruína e a decadência. Mas, se você buscar a Cristo, acabará por encontrá-lo e, junto com ele, todas as demais coisas” (Lewis, 2017, p.286). Assim, ele aponta para um movimento do cristão em direção a algo para além de si, em direção a Cristo, realizando a sua vontade – revelada em um relacionamento pessoal de práticas de leitura bíblica, oração e convivência em comunidades religiosas e não religiosas.

## **6 ANÁLISE DOS CONCEITOS FRANKLIANOS NAS CONCEPÇÕES DE LEWIS**

Apesar de não se ter registros de diálogos diretos entre os autores em suas obras, é possível identificar reflexos da teoria Frankliana nas afirmações de Lewis. Embora este não demonstrasse estar familiarizado com a ontologia dimensional Frankliana, nota-se o reconhecimento do autor de uma dimensão particularmente humana que o capacita à tomada de decisão, por exemplo, pela manifestação ou não da religiosidade. Mesmo impelidos pelo Criador, o ser humano ainda é capaz de recuar do “convite Divino”. Considerando a pessoa religiosa como aquela que assume responsabilidade pelas suas faltas e por isso escolhe por aceitar este “convite”, vemos na religiosidade trazida por C. S. Lewis um exemplo prático da expressão da dimensão noética na religiosidade, utilizando-se dos conceitos de Viktor Frankl: um posicionamento frente à facticidade biopsicossocial – a incapacidade de obedecer plenamente à Lei Moral – e a decisão por um meio de redenção ao mover-se em direção a algo além de si – Cristo, o próprio Deus.

A partir disso, outro paralelo possível é a noção de autotranscendência que, no entendimento de Lewis, se dá em direção a Cristo e então confere sentido à vida da pessoa e a convida à responsabilidade de amar ao próximo como a si mesmo. O próprio Frankl traz a possibilidade da pessoa se reconhecer responsável perante Deus e se lançar em direção a ele (Frankl, 2020). Portanto, no encontro logoterapêutico não se considera uma isenção de responsabilidade ou um movimento de impulsos inconscientes quando a pessoa religiosa assume um comportamento considerando genuinamente a sua relação com Deus por compreender que a pessoa que tem fé e escolhe por nutrir esta relação deve também assumir a responsabilidade diante Dele em todas as suas escolhas subsequentes.

A obediência a Deus, conforme Lewis explica, aponta para o nível do inconsciente espiritual explanado por Frankl, no sentido de ser uma escolha inicial que molda as decisões da pessoa religiosa cada vez mais naturalmente e de forma pré-lógica. Como dito anteriormente, a partir de uma decisão da pessoa o inconsciente espiritual se manifesta cada vez mais em ações espontâneas. Vemos este fenômeno na afirmação de Lewis de que “tomando sua vida como um todo, com todas as suas inúmeras escolhas, você estará, ao longo de toda a vida, transformando esse eu interior numa criatura celeste” (Lewis, 2017, p.132) e comporta-se cada vez mais naturalmente, inconscientemente, como tal.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível que não se perca de vista que a Análise Existencial Frankliana não pretende fazer uma apologética à religião nenhuma dentro das áreas as quais ela pode ser aplicada, tampouco limita-se ao público religioso. Viktor Frankl é muito cuidadoso e incisivo ao afirmar que

“a Logoterapia dever permanecer acessível a todos; eu seria obrigado a aderir a tal princípio em razão de meu juramento hipocrático, senão por outra razão. A Logoterapia é aplicável em casos de pacientes ateus e também útil nas mãos de médicos irreligiosos” (Frankl, 2020, p.33).

Ainda assim, a compreensão da religiosidade à luz da Análise Existencial Frankliana poderia parecer mais acolhedora para pessoas religiosas que buscam por acompanhamento em psicoterapia e temem não serem compreendidas ou serem questionadas em sua fé.

Considerando a familiaridade do público cristão com a teologia de C. S. Lewis bem como o posicionamento de Frankl de que o cuidado pertinente ao logoterapeuta é que sua técnica seja aplicável a qualquer pessoa, crente ou não (Frankl, 2020), podemos considerar os aspectos apresentados e analisados e concluir que existe a possibilidade de criar um diálogo entre profissionais da saúde mental e o pensamento religioso cristão.

Contudo, deve-se considerar que este trabalho avaliou o posicionamento única e exclusivamente de um teólogo cristão anglicano aplicado à cosmovisão cristã protestante, o que limita a compreensão da religiosidade fora da teoria Frankliana tendo em vista o número crescente de adeptos a religiões de matriz africana, espíritas e outras vertentes do próprio cristianismo, principalmente no Brasil. Seria de grande valia o estudo de outras concepções religiosas para enriquecimento do diálogo proposto.

## 8 REFERÊNCIAS

- McGrath, A. (2013). *A vida de C.S.Lewis: do atéismo às terras de Nárnia* (ed. ePUB). São Paulo: Mundo Cristão.
- Lewis, C. S. (2017). *Cristianismo puro e simples*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson.
- Lukas, E. (1990). *Mentalização e saúde: a arte de viver e Logoterapia*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (1973). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (1999). *El hombre en busca del sentido último*. Bueno Aires: Paidós.
- Frankl, V. E. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2016). *Ten theses about the person*. Recuperado de <https://viktorfrankl.org/texts.html>
- Frankl, V. E. (2019). *O sofrimento humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021a). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (54ª ed.). São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Frankl, V. E. (2021b). *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2021c). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. E., & Lapide, P. (2014). *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido* (2ª ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.